



Foto Nair Benedito/Agência F-4

Crianças Calapó, da aldeia Kubenkranken, do Pará

# TODO DIA ERA DIA DE ÍNDIO

Enquanto o país está em compasso de espera da votação do último capítulo da Constituinte, que trata dos direitos das minorias, as 180 nações indígenas ainda existentes no Brasil viram transcorrer o último dia 19 sem motivos de festas. No Dia do Índio, o quadro onde deveriam ser apontados os culpados pelo processo de extermínio por que passam os índios brasileiros esteve matizado de branco pois a violência continua fazendo vítimas.

Passado quase um mês a Funai não terminou as investigações do massacre dos Ticunas (AM) e o Cimi (Conselho Indigenista Missionário) organismo criado em 1972, permanece na lista oficial de responsáveis pelos conflitos de terras.

"A violência contra os índios já toca as raias da perversidade", pondera dom Erwin Krautler, bispo do Xingu e presidente do Cimi. Apontando a questão fun-

diária como pano de fundo para os conflitos que estão ocorrendo, principalmente no Norte e Nordeste, dom Erwin considera que o conflito do dia 28 de março, quando 14 índios Ticuna foram assassinados na área indígena de São Leopoldo, no Alto Solimões, de onde saíram mais 21 pessoas feridas, foi um balde de água fria na Funai, que definiu o episódio como "genocídio" mas ainda não indicou o grileiro Oscar Castelo Branco, apontado como o principal responsável. "Um dia depois foi encontrado o índio Pataxo Hã Hã Hã Djalma seviado antes da morte, unhas e couro cabeludo arrancados, órgãos sexuais decepados. E tudo isso tem por trás o problema da terra", denuncia.

Em documento entregue a todos os bispos brasileiros durante a 26ª Assembléia Geral da CNBB, o Cimi destaca a questão fundiária e os interesses pelo

subsolo como os principais responsáveis pela destruturação dos povos indígenas: somente 10% das terras dos Ticuna estão demarcadas, enquanto os outros 90% encontram-se na dependência da Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional. Já os Pataxo Hã Hã Hã, na Bahia, sofreram o sétimo assassinato desde 1982 no exato momento em que formularam uma proposta de acordo à Funai, para pôr fim ao conflito de suas terras.

"Dentro do projeto Calha Norte, idealizado pelo governo Sarney, as estradas cortam terras demarcadas e são comuns mortes, prisões, espancamentos, remoção de famílias para construção de quartéis, sedução e engravidamento de índias por militares.

Destruição de nossas casas estão ocorrendo em Roraima, no Rio Negro e no Alto Solimões", denunciaram em novembro de 87

representantes de 21 nações indígenas. Na opinião do presidente do Cimi, "embora os setores anti-indígenas na Constituinte não tenham logrado uma articulação eficaz para sustar a aprovação das emendas favoráveis aos índios, ainda não há elementos para afastar a possibilidade de que isso aconteça. Os grupos econômicos interessados na manutenção do texto do deputado Bernardo Cabral são expressivos e deve-se esperar uma reação na medida em que se aproxime o instante da votação do capítulo sobre os índios", diz. Depois da promulgação dos dois decretos presidenciais em setembro, o nº 94.945 que modifica a demarcação das terras indígenas e institucionaliza a participação do CSN (Conselho de Segurança Nacional) nas instâncias de decisão sobre demarcação de terras, e o nº 94.946, que faz a distinção entre índios "aculturados" e "não aculturados", foram votados

pelo plenário da Constituinte, em primeiro turno, quatro dispositivos que se referem aos direitos indígenas. O mais importante deles, aprovado por 399 votos, determina que a mineração deve ser autorizada pelo Congresso Nacional. Foram também lançadas as sementes para a definição das terras indígenas a serem reconhecidas pelo Estado e retirou-se da legislação indigenista o caráter incorporativista da atual Constituição. "Agora é preciso evitar que o capítulo sobre os índios seja votado em ocasiões de quórum reduzido, quando se arrisca não obter os 280 votos necessários à aprovação", diz. De acordo com levantamento feito pelo Cimi, existem atualmente 180 nações indígenas no Brasil, numa população que não ultrapassa as 220 mil pessoas. Em 1500, época do descobrimento, os índios chegavam aos cinco milhões, uma época em que todo dia era dia de índio.

## "A violência contra os índios toca as raias da perversidade"

*Sem dentes, algumas cicatrizes no rosto, muita platina pelo corpo, dom Erwin Krautler, 48 anos, resiste: depois do "suposto" acidente que o levou, no dia 16 de outubro de 1987, a duas delicadas cirurgias e a 30 dias sem abrir a boca, o bispo do Xingu e presidente do Cimi-Conselho Indigenista Missionário - carrega a certeza de que foi vítima de um atentado, dirigido à sua luta pelos direitos indígenas. "Eu não quero suprir uma lacuna ainda existente em meu currículo, o martírio, porque amo profundamente a vida. Mas é preciso chamar a atenção para outros possíveis atentados contra lideranças indígenas, contra líderes do povo e contra a Igreja", diz. Para esse bispo que afirma ser "um brasileiro nascido na Áustria", há 22 anos atuando na região Amazônica, os missionários que atuam junto às comunidades indígenas no Brasil nunca passaram por tantos problemas de uma só vez. Enquanto interesses econômicos circulam pela Constituinte e dentro do Governo, o Cimi vem sendo acusado de tantos quanto infundados crimes, que vão desde o lesa-pátria e contrabando de ouro até o abuso sexual de índias e transmissão de Aids. Até mesmo o massacre de 14 índios Ticunas, ocorrido no dia 28 de março, foi atribuído ao Conselho, o que para dom Erwin é um trabalho feito "para semear muito joio no meio do trigo missionário, enganar a opinião pública e dividir a Igreja".*

**O São Paulo:** Como o senhor avalia a situação da Igreja missionária no momento?

**Dom Erwin Krautler:** Eu acho que hoje nós somos, em termos de pastoral indigenista, Igreja perseguida e isso é muito grave. Se fala em direito de evangelizar e a Igreja não pode ser proibida de entrar em áreas indígenas, ela quer prestar seu serviço evangelizador, numa dimensão evangélica de solidariedade, quer se fazer presente entre povos secularmente ameaçados. Em todos os 16 anos de existência do Cimi nunca fomos alvos de tantos ataques, de tantas difamações e calúnias, de perseguições abertas em um ano só como agora.

**O São Paulo:** Essa situação não foi vivida nem durante a ditadura?

**Dom Erwin:** Não se encontra paralelo dessa situação que estamos vivendo nem nos governos anteriores. Nós temos de recuar até a época do marquês de Pombal, em 1653, quando ele expulsou os jesuítas.

**O São Paulo:** Quais são os ataques que o Cimi vem sofrendo?

**Dom Erwin:** Pesa sobre a Igreja missionária um amplo leque de calúnias, que vai desde crimes de lesa-pátria e atentados contra a soberania nacional, conspiração internacional, contrabando de ouro e outros minérios até narcotráfico. Depois que foi desmascarada a campanha do jornal O Estado de S. Paulo, o Conselho de Segurança Nacional conseguiu documentos para prosseguir essa campanha, documentos absolutamente ineptos. Os documentos parecem suspeitar de todo o clero e leigos comprometidos com a ação social da Igreja, só que entre subversivos eles colocaram religiosos que já faleceram e entre os estrangeiros religiosos de brasilidade de gerações.

**O São Paulo:** A Funai chegou a pedir testes anti-Aids aos missionários?

**Dom Erwin:** O teste anti-Aids pedido pela Funai é mais uma afronta pois os garimpeiros, que



O bispo do Xingu chama atenção para os atentados contra lideranças dos índios e da Igreja.

estão em área lanomami, os militares, a mão-de-obra que está construindo os quartéis previstos no Calha Norte, será que deles está sendo exigido o teste anti-Aids? Tudo isso faz parte de um conjunto de difamação, de desmoralização, de perseguição.

**O São Paulo:** Até agora os ataques têm sido somente verbais?

**Dom Erwin:** Desde o final de 1986 o governo inaugurou uma prática que se supunha, até então, abandonada, de expulsar missionários que atuam junto às comunidades indígenas. Até

agora somam 16 pessoas. No dia 6 de abril completou-se um ano desde a morte violenta do missionário Vicente Canãs, irmão jesuíta, que vivia há dez anos com os Enauenê-Nanê. O inquérito policial instaurado para apurar a autoria do assassinato não chegou a informações conclusivas.

**O São Paulo:** Existe algum paralelo entre essa situação e seu acidente?

**Dom Erwin:** Hoje, pelos dados que temos, sabemos que não se trata de um acidente, um acidente bem planejado. Foi uma ação premeditada que visava a minha vida. Eu vi tudo e meia hora depois lá estava no local um advogado, que sabemos que ataca a Igreja, enquanto que a notícia chegou a Altamira (AM) quando eu dei entrada no hospital, mais de uma hora depois. Como é possível que eles tivessem chegado antes?

**O São Paulo:** Não foi instaurado inquérito policial?

**Dom Erwin:** O inquérito traz uma

descrição absolutamente falsa da situação, nenhuma testemunha, nem mesmo eu, foi ouvida até agora.

**O São Paulo:** Como o senhor se sente agora?

**Dom Erwin:** Eu passei seis semanas no hospital, passei por duas cirurgias graves, perdi todos os dentes. Eu não quero suprir uma lacuna ainda existente em meu currículo, o martírio, porque amo profundamente a vida. Mas eu não quero que o sacrifício de um colega padre, de 31 anos, seja em vão. É preciso chamar a atenção para outros possíveis atentados a lideranças indígenas, contra líderes do povo e contra a Igreja.

**O São Paulo:** Na sua opinião, quem são os responsáveis por esse ato?

**Dom Erwin:** Eu não posso dizer quem foi, eu não sei. Eu nem mesmo sei se posso situar o acidente dentro do contexto indígena, como presidente do Cimi, ou por fazendeiros latifundiários locais ou a pessoas que não querem bem à Igreja.